



«Que maneira estúpida de morrer!»

TED MORGAN

Para aquela jovem família, a desgraça teve uma história breve: um passeio de sábado, uma inesperada nevasca e um engano no regresso...

NUM QUARTO do Hospital Regional de Willamette Falls, Scott McIntire concluíra cinco desenhos coloridos dos dedos gelados de seus pés. Dentro em pouco, eles seriam amputados parcialmente. Esses desenhos eram o símbolo de algo perdido, não apenas seus dedos, mas também sua inocência, esse sentimento inato que se apodera de um ser humano ao ser atingido pela fatalidade, sem que nada tenha feito para merecer um castigo, e lhe ensina que o desgosto muitas vezes nos pode ser infligido por um grande amigo ou por aquilo que temos de mais querido.

SCOTT McIntire casara com Diane Strom em maio de 1972. Como o casal compartilhava sua devoção pela natureza, a cerimônia foi realizada ao ar livre no Santuário de Pittock Bird, situado na zona norte da cidade de Portland, Oregon.

Logo que Diane ficou grávida, ambos começaram a freqüentar aulas onde eram ministradas instruções sobre parto sem dor. Quando sua filha Emily nasceu, a 15 de junho de 1973, Scott esteve junto da esposa para lhe inculcar coragem.

No primeiro fim-de-semana de novembro, tinha então Emily quatro meses e meio, Scott tencionava ir trabalhar na agência de publicidade onde era diretor de arte, mas quando, no sábado de manhã, ouviu pelo rádio as notícias de que no domingo iria haver mau tempo, olhando pela janela verificou que o dia estava ótimo. Falou com Diane e resolveram dar um passeio pelos campos das imediações.

Escolheram um local que ainda não tinham visitado, as termas de Bagby, situadas a 80 quilômetros a sueste de Portland, em que a água sai da rocha borbulhando a uma temperatura de 58 graus centígrados e depois é conduzida para instalações balneares, onde abastece banheiras feitas de troncos de cedro escavados. Pensavam regressar ao anoitecer.

Como era provável que o tempo resfriasse, Scott vestiu uma camisa de lã e uma capa impermeável. Diane usava umas calças compridas, suéter de lã e japona de couro, sobre a qual pôs uma capa de chuva. Emily estava bem protegida com roupa forrada de

pele, própria para se andar na neve. Levaram uma câmara fotográfica, cobertor, saco, dois sanduíches, uma maçã e uma garrafa térmica com chocolate quente. Com a alimentação de Emily não havia problemas, pois Diane a amamentaria.

Saíram de Portland em sua camionete às 12:30. Treze quilômetros depois do posto florestal de Ripplebrook, mas ainda a oito quilômetros de Bagby, a estrada estava interditada ao trânsito, ali havendo um sinal que indicava um desvio para as termas por um caminho de cascalho.

Chegando a Bagby, Scott estacionou o carro e ambos subiram a pé os dois quilômetros e meio que os separavam do balneário. Enquanto se banhavam nas termas, a neve começou a cair em flocos grandes e fofos que desciam lentamente no ar. Scott experimentava uma sensação de conforto ao observar aquele espetáculo.

Nesse mesmo sábado, Charles Mock, guarda-florestal de 23 anos, resolveu ir caçar corças na zona de Cascade Range, a 75 quilômetros ao norte de Bagby. Levou algo que comer, um saco-de-dormir, um cobertor alumínioizado (equipado com um sistema especial de isolamento, como o traje de vôo dos astronautas, constituído por duas camadas de alumínio com interior térmico e a superfície externa resistente a todas as condições de tempo), um encerado, machadinha, cantil com água, faca, fósforos e uma espingarda. Estacionou sua pick-up na margem do lago Wautum e se encaminhou para as encostas arbori-

zadas. À tarde, foi surpreendido pela nevasca e, imediatamente, resolveu armar acampamento.

QUANDO OS McIntires, ao regressar, chegaram ao parque de estacionamento, a neve já atingia a altura de 30 centímetros. «Vamos andando», disse Scott à esposa. «Quero passar aquele desvio do caminho antes que anoiteça.» Scott seguiu o rastro deixado na neve por um Volkswagen que, poucos minutos antes, partira à sua frente. A esta altura, a sinalização que indicava o desvio já estava coberta de neve. Em vez de entrar pela variante que ia dar ao posto dos guardas-florestais, o Volkswagen cujo rastro Scott seguia havia se dirigido para um caminho de montanha utilizado pelos lenhadores, que serpeava por trinta quilômetros ao longo da floresta.

A *pick-up* começou a derrapar na neve. Então, Diane ficou ao volante, enquanto Scott estendeu o cobertor sob as rodas traseiras para auxiliar a tração do carro. Assim avançavam alguns metros com dificuldade. Depois, Scott tinha de voltar a pegar o cobertor e tornar a colocá-lo debaixo das rodas um pouco mais adiante. Com isso, o veículo acabou por resvalar e cair num buraco. Havia anoitecido, e eles se aperceberam de que teriam de passar ali a noite.

Ao acordarem, no domingo de manhã, verificaram que o carro estava completamente coberto de neve. Nesse dia, Diane fazia 31 anos. Bem dispostos, mas intimamente preocupados, admitiram que aquela era uma forma um tanto estranha de comemo-

rar um dia de aniversário. Ponderaram se deveriam esperar no carro até serem recolhidos ou se deviam ir procurar auxílio, caminhando pela neve, que já lhes cobria as pernas até os joelhos. Scott tinha-se convencido de que não poderiam estar a mais de oito quilômetros do posto dos guardas-florestais. «Podemos chegar lá sem grande dificuldade», disse ele a Diane. Ela concordou e, antes de deixarem o carro, amamentou Emily. Scott iniciou a marcha, levando a filha às costas, sendo seguido pela esposa.

O percurso era extenuante; não conseguiam caminhar mais de 10 ou 15 metros sem parar para descansar. A cada volta do caminho, julgavam ir avistar a estrada principal que conduzia ao posto, mas, em vez disso, uma nova curva surgia. Cerca das dez da manhã, após duas horas de caminhada, interromperam a marcha para que o bebê fosse de novo amamentado. Nessa altura, Diane meteu alguma neve na boca. Como não dispunham de mais alimentos, ela pensava que seria esse o único meio de manter sua produção de leite. (Comer neve provoca grande perda de calor corporal. A quantidade de energia necessária para liquefazer 50 centímetros cúbicos de neve é igual à exigida para levar à fervura a mesma quantidade de sopa.)

Voltaram a caminhar durante mais duas horas, parando então novamente próximo de uma árvore, onde Diane, depois de alimentar Emily, tornou a comer neve. Ela queria regressar, mas Scott pretendia prosseguir até

alcançarem o posto. Já haviam percorrido cinco quilômetros, argumentava ele, e portanto só teriam de andar mais dois.

Cerca das três da tarde, chegaram a uma bifurcação. Scott optou pela variante que descia o morro, mas, 150 metros adiante, a passagem tinha sido bloqueada por uma avalanche. «Escolhemos o caminho errado, com certeza», disse ele à esposa. Regressaram à bifurcação, mas nessa altura Diane já vagueava em estado de apatia, com as mãos nuas arrastando pela neve. «Onde estão suas luvas?», perguntou Scott. «Não sei», respondeu ela quase indiferente.

Estava começando a escurecer. Ao lado do caminho, Scott localizou um tronco de árvore tombado sobre uma reentrância do terreno. «Vamos passar a noite aqui», resolveu ele. Escavou a neve que se acumulara debaixo do tronco, e aí se abrigaram. Colocaram a filhinha entre eles, e ambos se revezavam para lhe dar assistência. Diane amamentava a criança e Scott alimentava a esposa com neve. Pela primeira vez, discutiram a possibilidade de não conseguirem sobreviver; no entanto, Scott ainda estava esperançado. Martha Forster, uma amiga que lhes indicara as termas de Bagby, sabia mais ou menos onde eles se encontravam. Provavelmente já teriam sido iniciadas buscas para localizá-los.

Quando Charles Mock despertou, no domingo de manhã, o encerado vergava sob o peso da neve. Levantou acampamento e se pôs a caminho,

levando seis horas a percorrer os seis quilômetros e meio que o separavam da pick-up. Como não conseguia pôr o veículo a funcionar, ocupou o resto daquele dia na construção de um abrigo, utilizando o encerado e juntando lenha para fazer uma fogueira. «Tomei todas as providências», recorda ele.

NA SEGUNDA-FEIRA de manhã, Scott e Diane encontravam-se tão debilitados que mal podiam se mexer. Ficaram sentados debaixo do tronco, olhando o céu branco e a neve que continuava caindo. Como um despertador, Emily interrompia os períodos de sono dos pais. Quando ela começava a chorar, eles acordavam e Diane tinha de amamentá-la. «Já não tenho muito leite para lhe dar», lamentou a mãe — e introduziu mais um punhado de neve na boca.

NA MANHÃ de segunda-feira, às 9:30, a Sra. Gordon Strom, mãe de Diane, telefonou a sua filha mais nova, Susan, que morava também em Portland. «Não consigo localizar Scott e Diane», alertou ela. «Alguma coisa aconteceu.» Susan estava em casa de Martha Forster, a senhora que indicara a Scott onde eram as termas de Bagby. «Aposto que ficaram retidos lá em cima», sugeriu Susan. «Vou ligar para os guardas-florestais.»

Dizendo isto, telefonou aos Serviços Florestais de Estacada, de onde lhe informaram que um *Sno-Cat* (veículo parecido com um trator, equipado de lagartas para deslocções em terreno coberto de neve) já estava

a caminho de Bagby, pois ignorava-se o paradeiro de várias pessoas. «Ligaremos para a senhora quando tivermos notícias», avisou o funcionário dos Serviços Florestais.

Às três da tarde, Susan foi informada de que o Sno-Cat havia já chegado ao parque de estacionamento de Bagby, mas que a *pick-up* dos McIntires não estava ali. Aconselharam-na que telefonasse para a delegacia local. Logo que Susan entrou em contato com o sargento Lloyd L. Ryan, este rapidamente organizou uma equipe de socorro, utilizando como base para a operação o posto de Ripplebrook.

Às cinco da tarde, o sargento Ryan voltou a chamar e disse a Susan que iam continuar as buscas pela noite adentro, empregando quatro Sno-Cats e mais dez trenós motorizados. Ryan telefonou também para o posto da Guarda Nacional em Salem, onde o Tenente-coronel Gale Goyins autorizou que se mantivesse um helicóptero equipado e pronto para levantar vôo logo que as condições de visibilidade melhorassem.

Charles Mock, aquecido pela fogueira que mantinha sempre acesa, passou a segunda-feira muito atarefado. Limpou a neve do furgão e estendeu cá fora o cobertor aluminizado para servir de referência aos pilotos de buscas. Sabia que estava a 21 quilômetros da cidade mais próxima, e calculava que, utilizando «sapatos de neve», poderia chegar lá. Cortou quatro galhos de abeto e começou a desbastá-los com a machadinha.

À MEDIDA que o tempo ia passando, naquela segunda-feira, Scott e Diane viam suas esperanças se desvanecer. «Que maneira estúpida de morrer!», lamentou Diane. Scott estava cada vez mais alarmado com o comportamento da esposa. Ela já não procurava proteger-se contra o frio. Entrou em delírio. Agarrava-se a ele, assim como a Emily, com os dedos encrespados e rígidos. Scott obtinha respostas incoerentes quando tentava falar com ela.

Acordando de noite, ele viu que Diane se mantinha de olhos abertos. Tomou-lhe o pulso, mas não sentiu as batidas. Tentou baixar-lhe as pálpebras, porém os olhos dela não se fechavam. Scott pensou: «Tenho de superar tudo isto e alimentar Emily.» Mastigou um punhado de neve, passando o líquido ao bebê boca a boca. Sentia os pés rijos como pedras. Esforçou-se por não pensar na esposa.

NA TERÇA-FEIRA de manhã, as buscas prosseguiram. Voluntários, incluindo dois grupos de escoteiros, chegaram ao posto de Ripplebrook e se integraram nas operações de salvamento, das quais, a essa altura, já participavam cerca de cem pessoas. Todos os esforços, porém, eram em vão.

Durante a terça-feira, Charles Mock continuou trabalhando a fim de fazer uns «sapatos de neve», entalhando sulcos nas pontas dos galhos de abeto aparados e os amarrando solidamente uns aos outros com barbante.

NA QUARTA-FEIRA, a temperatura subiu e o tempo começou a desanuviar.

À 1:10 da tarde, um helicóptero fretado pelo patrão de Scott largou do posto dos guardas-florestais; entretanto, o aparelho da Guarda Nacional também entrou em ação. Passado pouco tempo, o helicóptero particular enviou uma mensagem pelo rádio para o outro: «Descobrimos na neve um vulto retangular que parece um carro.» Depois, deram as coordenadas do lugar. O helicóptero da Guarda localizou o ponto e desceu, pairando a uma altura que permitiu confirmar que se tratava realmente de um carro. Partindo desse local, via-se uma linha sinuosa pouco nítida que poderia ser um rastro de pegadas. O helicóptero, seguindo essa pista, chegou até um tronco, debaixo do qual um braço acenava.

ACORDADO pelo ruído do helicóptero, Scott estava agitando os braços freneticamente. Com muita dificuldade, abandonou o abrigo e viu vários homens correndo em sua direção. «Sou Scott McIntire», disse. «Minha mulher morreu há dois dias. A menina está viva.»

«Temos andado procurando vocês», informou de seguida o sargento Ryan.

Scott deu entrada na sala de emergências do Hospital Regional de Willamette Falls às 3:40 da tarde. A temperatura de seu corpo era de 34,5 graus centígrados, e ele sofria de grave ulceração provocada pelo frio. O estado de Emily era bom, apresentando apenas a pele um pouco irritada. «Se ela tivesse idade suficiente para procurar sozinha a neve que precisava ingerir, provavelmente não teria sobrevivido», disseram os médicos. Diane morrera, segundo informaram a Scott, devido à neve que comera com a preocupação de alimentar sua filha. Esse foi o erro mais grave dos vários que eles cometeram.

Na quarta-feira de manhã, Charles Mock terminou seus «sapatos para neve», cozinhou e comeu todos os alimentos que ainda lhe restavam e retomou viagem. Conseguiu caminhar cerca de um quilômetro e meio por hora e, ao anoitecer, chegou à primeira encruzilhada. Andou mais dez quilômetros, antes de alcançar a cidadezinha de Dee Flat. Era uma da madrugada de quinta-feira. Daí telefonou para a delegacia de River Hood, sendo então levado para casa.



PARA QUE ganhassem prática de consultar um dicionário, dei aos meus alunos uma lista de palavras, a fim de que, em casa, procurassem seus significados. No dia seguinte, fiquei surpreendido quando li a lista de um menino e encontrei, para a palavra *celibatário*, a definição: «Homem muito feliz.»

«De onde você foi tirar isso?», perguntei.

O garoto hesitou em responder, mas por fim confessou: «Meu pai me ajudou nos deveres de casa.»

– *Shin Sheng Daily News, Taipé*